



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

UMA CARTA SEMPRE CHEGA AO SEU DESTINO¹: PARA DAL E TAMBÉM PARA LINDA.

Ernani Chaves

Belém, 14 de outubro de 2017.

Caro Dal,

Desculpa te chamar assim, com tanta intimidade e ainda por cima te tratar por “tu”. Sabes bem de quem roubei esse “Dal”, essa forma de te tratar que só uma pessoa, acho, o fez durante a tua vida. Pois é, eu e mais alguns amigos estamos hoje reunidos num lugar muito bonito, num lugar na tua Belém, um lugar que, tenho certeza, gostarias de conhecer, porque é cheio de livros.² Estamos aqui para rememorar três coisas ao mesmo tempo: a tua obra, o teu trabalho como escritor por meio do lançamento de um dos teus livros, o aniversário de nascimento dessa tua grande amiga, essa uma que te chamava de “Dal”, assim como a amizade que uniu vocês por duas décadas, uma amizade permeada de literatura.

Peço licença para me apresentar: sou marajoara como tu, somos quase vizinhos, porque entre Soure e Cachoeira tem Salvaterra, uma baía e um rio. Será que isso basta como apresentação? Talvez sim, talvez não. Mas, talvez ainda lembres que na época em que morastes em Salvaterra, vindo de tão longe, lá de Gurupá, época em que ganhavas a vida como inspetor escolar, muitas vezes atravessastes o rio Paracuarí, para visitar as escolas de Soure. Talvez lembres ainda da jovem professora da escola da Colônia dos Pescadores, do café que tomavas na casa da mãe dela e da história da palmatória. Certamente, o que também ti unia àquela

¹ Assim escreve Jacques Lacan, no “Seminário sobre *A carta roubada*”, texto de abertura dos seus Escritos, cuja edição brasileira completa é em 1998, pela Editora Jorge Zahar.

² Esse texto, ora publicado com alterações, foi uma fala na FLIPA de 2017, ocorrida na Livraria da Fox, numa mesa-redonda dedicada às relações entre Dalcídio Jurandir e Lindanor Celina.

família era o fato de que vocês vinham de Cachoeira e que havia, portanto, entre vocês um solo comum, ou melhor, o mesmo “campo”.

Essa história da palmatória, a jovem professora, bem mais tarde, contou algumas vezes para um de seus filhos: “Ele chegou e ficou no fundo da sala, enquanto eu tomava a tabuada dos alunos. A cada erro, eu usava a palmatória. No final da sala, como de costume, íamos para a casa da minha mãe, tomar um café. Nesse dia, ele pediu que eu levasse a palmatória. Sem entender, levei. Ao chegar lá, pediu a minha mãe que transformasse a palmatória em lenha, para fazer o café”. Comentei com ela a “lição” que estava presente no teu gesto, a de que a palmatória não era um bom instrumento educativo. Ao que ele me retrucou: “Mas, imediatamente, mandei fazer outra palmatória”! Ela contava essa história rindo, feliz, lembrando do inspetor, que era também escritor. Sim, ela sabia que escrevias, naquela época, um livro. Quando o filho mostrou a ela, pela primeira vez esse livro e, ao acaso, abriu uma página e leu, ela ficou um pouco assustada, achou tudo muito triste e completou: “ele era muito calado”³. Mas, ela gostou muito do título e lembrou das chuvas torrenciais que caíam no Retiro Grande, onde nasceu e passou a infância, até que a família se mudou pra Soure. E lá se vão muitos anos, caro Dal, muitos anos mesmo. A jovem professora, muito conhecida em Soure, pois foi professora por quase 40 anos, era a minha mãe. Hoje, velhinha nos seus 98 anos, não se lembra mais de ti, mas isso não significa que ela te esqueceu. Conheces bem esses paradoxos né, essas proximidades, mas também os abismos que existem entre o lembrar e o esquecer.

Mas, a tua presença na minha vida se deu um pouco antes de minha mãe me falar de ti, instigada por minhas perguntas. Até então, não sabia nada de ti, nada mesmo. Um dia, entretanto, quando já tinha 18 anos, sabes o que ganhei de uma amiga? Nem podes imaginar: um livro teu, publicado alguns anos antes e que se chama “Ponte do Galo”! Sim, caríssimo Dal, o livro, por meio do qual estamos a recordar tua obra hoje, foi o primeiro que li, dentre os tantos que escrevestes. E sabes o que me encantou, de imediato, nele? É que a história que ele conta se passa no bairro de Belém, o do Telégrafo, que me trazia tantas recordações da infância.

A gente vinha de Soure uma vez por ano a Belém, na época do Círio. Vínhamos no “Presidente Vargas”, um navio lindo e eu ficava maravilhado – como o teu “Alfredo” – com as luzes da grande cidade, com os prédios altos, com os carros, os ônibus e com as grandes lojas da Santo Antonio e da João Alfredo. E então, nesse período, ficávamos hospedados na casa de minha tia, irmã mais velha de minha mãe, que morava na Travessa José Pio. E assim, a leitura do teu livro me fazia voltar a ouvir esses nomes mágicos: o Curro, a Volta da Tripa, a Municipalidade, o Igarapé das Almas e, é claro, a Ponte do Galo. Mas, principalmente, a leitura me trouxe de volta o cheiro forte do estrume das vacarias da José Pio, ao qual te referes no teu

³ Tratava-se de uma passagem com “Felícia”, uma das personagens mais pungentes do livro, que é o “Chove nos campos de Cachoeira”.

livro. Foi um efeito semelhante, depois vim saber, àquele que um garoto esperto chamado Marcel sentia – lembras desse garoto, sem dúvida – quando ele comia um certo bolinho com o chá que uma tia costumava preparar para ele, quando criança. O gosto do bolinho molhado no chá, provocava como que uma explosão na memória desse garoto e aí, ele não teve outra saída, a não ser tentar se livrar dessas lembranças que lhe acorriam súbita e inesperadamente, fixando-as na escrita⁴. Quem sabe eu não esteja tentando fazer isso agora, de uma forma modestíssima, nesse pequeno texto, já que as lembranças desse Marcel preencheram páginas e páginas, em muitos volumes. Mais prosaico, muito menos nobre que um chá com bolinho, foi o cheiro do cocô das vacarias que detonou em mim tantas lembranças.

Essa primeira leitura do teu “Ponte do galo” foi, em vários aspectos, muito importante para mim, porque me fez querer saber um pouco mais de ti, movido pela curiosidade, eu queria saber quem eras. De imediato, fiquei sabendo que ainda eras vivo, que moravas no Rio de Janeiro há muitos anos, que tinhas escrito muitos livros e que eras marajoara, como eu. Unindo os fios, fiquei sabendo da tua estada em Salvaterra, da tua atividade como inspetor escolar, o que motivou as perguntas que fiz a minha mãe. Os caminhos da vida, caríssimo Dal, me levaram por sendas que jamais pensei que pudesse trilhar. Embora, a cada travessia da baía do Marajó, a cada viagem anual à praia do Pesqueiro, na excursão festiva dos meninos da Cruzada Eucarística, a contemplação do infinito, daquela imensidão sem fim de água, me fizesse sonhar com o que havia para além do que a minha vista alcançava. E aí, quando atravessei o oceano pela primeira vez, levei alguns livros relativos ao meu trabalho e mais dois, pequenos, que não faziam peso na mala. Eu sabia que ia passar alguns anos bem longe de Belém, de Soure, do Brasil. Numa época sem internet, sem webcam, sem Skype, restavam as cartas, os livros e os raros telefonemas, como formas de contato com a família e com a terra natal. Esses “mais dois livros” foram o teu “Ponte do Galo” e o “Jogos Infantis”, de Haroldo Maranhão. Ambos, veja só que coisa engraçada, me foram presenteados pela mesma pessoa. E quantas vezes eu reli as páginas onde “Ana”, a “suruína”, “bate a cidade”, enquanto lá fora, a neve caía no inverno berlinense? E assim, eu reencontrava não só o Telégrafo da minha infância, mas também o prazer e a alegria que a grandeza da tua escrita me proporcionava.

Talvez as minhas lembranças, permeadas por intensos afetos, atrapalhem um julgamento mais lúcido e mais correto da tua obra, mas acho “Ponte do Galo” um primor de contenção, de condensação, como se não precisasses mais de tantas páginas e tantas palavras. Muito mais tarde, no começo de 2000, quando me pediram para escrever alguma coisa sobre tua obra, escrevi justamente sobre “Ponte do Galo” e destaquei, na minha leitura, o amálgama entre

⁴ Relembro aqui, “de cabeça”, essa passagem emblemática de “No caminho de Swan”, o primeiro volume de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust.

o desejo de Ana e as luzes e a escuridão da “grande cidade”. Falei mais de Ana, encarnação da cidade-mulher, do que de Alfredo, sempre assombrado pelos fantasmas do casarão do Major.

Mas, Dal, não estamos aqui apenas pra falar de ti, porque afinal de contas, estamos rememorando também as 100 rissonhas primaveras de tua amiga Lindanor. E agora, vou te contar um segredo, esperando que não fiques enciumado. Antes de me apaixonar por ti, eu me apaixonei por ela. Perdidamente. Sim, é verdade, ela chegou a mim bem antes de ti, em muitos finais de semana, junto com o navio que aportava em Soure. A leitura dos jornais da capital era obrigatória na casa dos meus pais. Me acostumei então, a ler A “Folha do Norte” e a “Folha Vespertina”, que eram esperadas ansiosamente por mim. Minha mãe se orgulhava em dizer que aprendi a ler aos 4 anos, nos jornais, que eu conheci o alfabeto nas letras grandes das manchetes dos jornais e não na famosa “Cartilha do Abc”, que eu aprendera a ler sem ter, necessariamente, decorado o “a, b, c, d...”. E na “Folha do Norte” Dal, como ficastes sabendo desde o teu primeiro encontro com Lindanor, no final dos anos 1950, ela escrevia crônicas na coluna chamada “Minarete”. Certamente, a minha pouca idade, não permitia que eu entendesse por inteiro o que estava escrito, mas eu lia com muita atenção, desde os meus 7, 8 anos, aquelas histórias que hoje sei que se chamam “crônicas”.

Voltei a reencontrar Lindanor, quando comecei o curso superior. E esse reencontro se deu, de início, pela fala de pessoas que a tinham conhecido, pois ela, nessa época, 1975, 1976, já tinha ido embora para a França. Mas, ele se concretiza de fato quando voltei a ler nas páginas de um jornal, agora na “Província do Pará”, os relatos, na forma de diário, de suas viagens a Grécia, à ilha de Skyros, nas férias de verão. Quando cheguei em Atenas vindo de Berlim, pela primeira vez, em outubro de 1990, eu estava indo, evidentemente, porque a Grécia é o solo sagrado para aqueles que, como eu, se dedicam à filosofia. Bem podes imaginar Dal, porque conheces tão bem a alma das pessoas, o quanto me emocionei e chorei diante da Acrópole, no templo de Poseidon e, principalmente, diante das ruínas do templo de Apolo, em Delfos. Ali, naquele lugar, onde a resposta da pitonisa à pergunta de Sócrates decidiu, em várias dimensões, o destino do Ocidente.

Mas, era em Skyros que eu também pensava, era em Lindanor, que por meio de suas deliciosas crônicas sobre o cotidiano desse lugar que continua sendo ainda um vilarejo, uma praia em meio às montanhas de uma ilha, no mar Egeu, me causava tanto prazer e mexia tanto com a minha imaginação. Não fui a Skyros, como tanto sonhei. Dal, eu tenho essa dívida com tua amiga. Ela aumenta quando leio de vez em quando essas crônicas, esse “Diário da Ilha”⁵, nas quais Lindanor conta sobre a redação do livro, no qual ela te pranteou. E o oráculo de Delfos me mandou um sinal ontem: veja só, recebi um convite (na verdade um e-mail, mas tu

⁵ Publicado em Belém, pela Editora Cejup, em 1992.

não entenderias bem o que isso) para participar de um colóquio, sabes onde? Em Atenas, em maio do próximo ano. Skyros, me aguarde....só não te dou certeza certeza, porque a gente nunca sabe o que vai acontecer com as verbas que o governo vai destinar às universidades ano que vem. Pois é, meu caro, assim, enviesado, ficastes sabendo um pouco de mim, porque eu me misturei contigo e Lindanor, uma maneira de dizer que vocês fazem parte da minha vida de uma forma que eu nem mesmo suspeitava.

Pois é, eu comecei dizendo que estamos aqui para rememorar. Entretanto, rememorar não é exatamente lembrar, já dizia um cara que iria adorar te conhecer. Eu não sei se ele iria gostar muito de tomar açaí numa barraca do Ver-o-Peso contigo, pois ele tem o estômago demasiado acostumado com outras coisas, com batatas principalmente. E com haxixe. Mas, eu tenho certeza que ele iria transformar a “Academia do Peixe Frito” numa alegoria do encontro necessário e indispensável que todo escritor deveria ter com a tradição dos oprimidos. E que, se ele lesse as crônicas da Lindanor, certamente se alegraria por saber que a nossa capacidade de contar histórias, de narrar, ainda não foi completamente destruída pela forma pela qual o capitalismo triunfa e gere as nossas vidas. Pois é, meu caro, na rememoração, o que a gente rememora é antes de mais nada, uma história, uma experiência, uma época, da qual, de algum modo fazemos parte.⁶

Eu queria finalizar essa carta, que está ficando longa demais, pra te dizer que teus amigos e leitores devem a muitas pessoas, o fato de estarmos aqui hoje, fazendo uma homenagem a ti e a Lindanor, em especial os coeditores da Parágrafo, cujo esforço para que teu livro estivesse hoje de novo disponível para teus leitores, os antigos, os novos e os ainda por vir, foi extraordinário. Te orgulharias deles, tenho certeza disso!

Um grande abraço, Dal, meu e de minha mãe, com a certeza de que viverás sempre na memória da tua gente.

⁶ Refiro-me aqui, é claro, a Walter Benjamin, em especial ao seu conhecido ensaio “O narrador” ou, como querem as novas traduções, “O contador de histórias”, assim como às suas “Teses” sobre o conceito de história.